

JADSON PORTO
Organizador

A photograph of a small, white, domed structure with a dark arched doorway, situated on a dark pier extending into the ocean. The sky is a mix of orange, yellow, and grey, indicating a sunset or sunrise. The water is dark with some small boats visible in the distance.

**DISCURSOS DA
ACADEMIA AMAPAENSE
DE LETRAS**

Macapá, 2024
Vol. 2.



JADSON PORTO
Organizador

**DISCURSOS DA
ACADEMIA AMAPAENSE
DE LETRAS**

Macapá, 2024
Vol. 2.



© Copyright © 2024 - Todos os direitos reservados aos autores desta obra

Capa: Jadson Porto

Dia de Solstício de junho na Fortaleza de São José, Macapá, Amapá, Brasil.



Academia Amapaense de Letras

Presidente Fernando Pimentel Canto.

Vice-presidente: Paulo Fernando Batista Guerra.

Secretário: Paulo Tarso Barros.

Tesoureiro: Benedito Rostan Costa Martins.

Diretor de Biblioteca e Arquivo: Jadson Luís Rebelo Porto.

Discursos da Academia Amapaense de Letras.
/Organizador Jadson Porto. Macapá: Edifap, 2024. Vol. 2.

Formato PDF.

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-89513-24-7

1. Academia Amapaense de Letras. 2. Discursos. I. Porto,
Jadson. II. Título

CDD: 808

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS - A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei no 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do código penal.

O organizador informa que as revisões ortográfica e de digitação são de responsabilidade dos autores.

MEMBROS DA ACADEMIA AMAPAENSE DE LETRAS

Cadeira	Patrono	Fundador	Efetivo
1	Acyllno de Leão Rodrigues	Heitor de Azevedo Picanço	Gilberto de Paula Pinheiro
2	Raimundo Álvares da Costa	Adaury Salles Farias	Adaury Salles Farias
3	Benedito Alves Cardoso	Ricardo Pontes	Ricardo Pontes
4	Coaracy Gentil Nunes	Fernando Pimentel Canto	Fernando Pimentel Canto
5	Cora Rola de Carvalho	Maria Ângela da Costa Nunes	Maria Ângela da Costa Nunes
6	Desidério Antônio Coelho	Tiago de Oliveira Quingosta de Sousa	Tiago de Oliveira Quingosta de Sousa
7	Deusolina Salles Farias	Amaury Guimarães Farias	Benedito Rostan Costa Martins
8	Cônego Domingo Martêz	Dom Luiz Soares Vieira	Dom Luiz Soares Vieira
9	Emílio Goeldi	Antônio Cabral de Castro	Antônio Cabral de Castro
10	Francisco Torquato de Araújo	Nilson Montoril	Vago
11	Gabriel de Almeida Café	Ivan Carlo A. de Oliveira	Ivan Carlo A. de Oliveira
12	Georgenor de Souza Franco	Georgenor de Souza Franco Filho	Georgenor de Souza Franco Filho
13	Gonçalves Tocantins	Jackson Corrêa da Silva	Jackson Corrêa da Silva
14	Hildemar Pimentel Maia	Piedade Lino Videira	Piedade Lino Videira
15	Janary Gentil Nunes	Estácio Vidal Picanço	Fernando Rodrigues dos Santos
16	Jarbas Amorim Cavalcante	Paulo Fernandes Batista Guerra	Paulo Fernando Batista Guerra
17	Joaquim Caetano da Silva	Jadson Luís Rebelo Porto	Jadson Luís Rebelo Porto
18	Joaquim Gomes Diniz	João Wilson Savino Carvalho	João Wilson Savino Carvalho
19	João Álvares de Azevedo Costa	Maria José Araújo Souza	Maria José Araújo Souza
20	João Távora	Elfredo Távora Goçaves	César Bernardo de Souza

MEMBROS DA ACADEMIA AMAPAENSE DE LETRAS

Cadeira	Patrono	Fundador	Efetivo
21	Jovino Albuquerque Dinoá	João do Nascimento Barbosa	João do Nascimento Barbosa
22	Lúcio Mariolino Soheiro	Saulo Carneiro Ribeiro Torquato	Saulo Carneiro Ribeiro Torquato
23	Manuel Valente Flexa	Luiz Alberto Costa Guedes	Luiz Alberto Costa Guedes
24	Francisco Xavier de Mendonça Furtado	Ruben Bemerguy	Ruben Bemerguy
25	Joaquim de Mendonça Júnior	Alcy Araújo Cavalcante	Alcinéa Maria Cavalcante Costa
26	Oscar Santos	Edgar de Paula Rodrigues	Edgar de Paula Rodrigues
27	Otton Accioly ramos	Otton Miranda de Alencar	Vago
28	Pe. Júlio Maria de Lombarde	Jorge Basile	Cléo Farias de Araújo
29	Paulo Eleutério Cavalcante	Arthur Nery Marinho	Manoel Azevedo d e Souza
30	Pauxy Gentil Nunes	Paulo Roberto Matias de Souza	Paulo Roberto Matias de Souza
31	Paulo Ledoux	José de Alencar Feijó Benevides	Paulo Tarso Silva Barros
32	Reinaldo Damasceno	Antônio Carlos da Silva Farias	Antônio Carlos da Silva Farias
33	Roque de Souza Penafort	Hélio Guarany Pennafort	Francisco Osvaldo Simões Filho
34	Uriel Sales de Araújo	Mauro Sérgio Soares Rabelo	Mauro Sérgio Soares Rabelo
35	Matheus Valente do Couto	Cristóvão Lins	Cristóvão Lins
36	Alexandre Vaz Tavares	Manoel Bispo Corrêa	Manoel Bispo Corrêa
37	Francisco Xavier da Veiga Cabral	Raquel Tourinho Braga	Raquel Tourinho Braga
38	Vicente Portugal Júnior	Antônio Munhoz Lopes	José Queiroz Pastana
39	Waldemiro Gomes	José Alberto Tostes	José Alberto Tostes
40	Walkíria Ferreira Lima	Isnard Brandão de Lima Filho	Carlos Nilson da Costa

Site da academia Amapaense de Letras:

<https://www.aal.art.br/acad%C3%A0Amicos>

PREFÁCIO

Em um momento de revisitação e ascensão, vozes ecoam e consagram a trajetória histórico-cultural amapaense contada através do fazer literário em Discursos da Academia Amapaense de Letras. Nesta edição, várias vozes literárias de confrades e confradeiras revigoram o compromisso firmado nos setenta anos da AAL, brindando não somente o desenvolvimento territorial, como também a produção cultural que acompanha o Amapá durante a sua existência enquanto unidade federativa nos últimos oitenta anos.

Indubitavelmente, olhar para a história local é pensar no porvir promissor do Amapá, bem como visualizar as contribuições que a Academia Amapaense de Letras tem estimado para este e os próximos anos, reiterando a importância da cultura literária enquanto construção social e memória coletiva de um povo. Em seus discursos históricos, eis o registro do imaginário coletivo que impulsiona os discursos contemporâneos, possibilitando um espaço de reflexão e vislumbre de um desenvolvimento sustentável na história amapaense. Um legítimo lugar de “autópsia”, como diz o caríssimo professor Fernando Canto ao pensar a palavra como a visão autêntica dos acontecimentos.

Vislumbra-se, então, por meio de poemets, ensaios e resenhas, as potencialidades do Amapá em sua trajetória transformacional. E eis que a polifonia discursiva da AAL nos revela, em diferentes textos e contextos, a tessitura de narrativas que engendram o ideário social local, destacando a riqueza e a diversidade da cultura literária contemporânea. Sendo assim, os discursos que compõem esta obra são um convite para reviver, reverenciar e comemorar a história da AAL e do Amapá.

Seja bem-vindo! E vamos à leitura!

Curitiba, maio de 2024.
Gisele dos Santos da Silva
Academia de Letras José de Alencar (Curitiba, PR).

INTRODUÇÃO

Percorridos 70 anos, a Academia Amapaense de Letras (AAL) atravessou por diversos momentos desafiadores que perpassam por sua longa trajetória de escolha de seus integrantes efetivos, tais como: as constantes decepções decorrentes de promessas não cumpridas por gestores públicos na cessão de espaços em edificações públicas; as intensas demandas culturais; a percepção que, embora este silogeu não atue em ações de registros históricos e geográficos, é constantemente é provocado para tal intento.

Gradativamente, então, a AAL vem se tornando mais visível pela sociedade, à medida que sua participação em eventos culturais no Estado com seus integrantes como palestrantes ou conferencistas; a apresentação das obras por eles publicadas (expostas no volume 1 do Livro *Discursos da Academia Amapaense de Letras*), que com os registros das novas obras expostas neste volume, foram identificados 325 livros elaboradas por seus integrantes.

Este segundo volume pretende trazer à tona algumas produções elaboradas por seus integrantes, oriundas de suas conferências defendidas; de representantes institucionais que homenagearam a AAL, pela passagem de suas sete décadas e; pela primeira vez, integrantes do silogeu resenhando obras dos autores desta Academia.

Na esperança que o leitor conheça um pouco mais sobre esta magnífica instituição que estimula a cultura amapaense, que sua seja leitura prazerosa.

Macapá, maio de 2024.

Jadson Porto

Cadeira 17; Patrono Joaquim Caetano da Silva.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	vi
<i>Gisele dos Santos da Silva</i>	
INTRODUÇÃO	vii
DISCURSOS HISTÓRICOS	10
MEMORIALISMO	11
<i>Leão Zagury</i>	
MENSAGEM DO GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ À ACADEMIA DE LETRAS	18
<i>Ana Girlene Dias de Oliveira</i>	
O TERRITÓRIO FEDERAL DO AMAPÁ PELO DISCURSO FUNDADOR: CULTURA LÍTERÁRIA E POLÍTICA	23
<i>Fernando Canto; Yurgel Pantoja Caldas</i>	
DISCURSOS CONTEMPORÂNEOS	31
A APRENDIZAGEM TERRITORIAL AMAPAENSE: A LIÇÃO, SABEMOS DE COR. SÓ NOS RESTA APRENDER	32
<i>Jadson Porto</i>	
"POEMETOS" NADA PEQUENOS DE AUGUSTO OLIVEIRA	39
<i>Tiago de Oliveira Quingosta de Sousa</i>	
RECEBAM NOSSO CARINHO E RESPEITO!	41
<i>Girlane Castro</i>	
O DISCURSO E A INSTITUIÇÃO IMAGINÁRIA DA ACADEMIA	43
<i>João Wilson Savino Carvalho</i>	

PRODUÇÃO DA ACADEMIA AMAPAENSE DE LETRAS (2024) 52

RESENHAS 55

PAISAGEM ANTIGA, DE ALCINÉA CAVALCANTE 56

Cléo Frias de Araújo

MAMA GUGA, DE FERNANDO CANTO 59

Ivan Carlo A. de Oliveira

SOBRE OS AUTORES 62

DISCURSOS HISTÓRICOS



Cachoeira do Sucuriju, Mazagão (AP)
Foto Jadson Porto.

MEMORIALISMO¹

Leão Zagury
Rio, 12/06/2023

Ilmo. sr. Presidente da AAL professor Fernando Canto, prof. Maneca, acadêmicos e demais componentes da mesa, meus conterrâneos.

Em primeiro lugar quero deixar claro que não sou um literato portanto peço aos ilustres membros dessa douta academia que perdoem os excessos que decorrem do amor e do desejo de contribuir. Na verdade, sou apenas um idoso audacioso que ama essa cidade e conta suas histórias.

Como não poderia deixar de ser, passei em revista alguns pontos a serem destacados sobre memorialismo, meu gênero literário.

Memorialismo - é o gênero literário em que o autor narra a história da vida de uma ou de várias pessoas. Assim como as biografias contam a vida de alguém ou de um lugar ou de ambos. Trata-se, portanto, de Escrever a Vida.

Nós, que falamos português, só ouvimos o termo biografia no século XIX, onde se encontra de tudo desde trabalhos artísticos a opiniões, valores e crenças. Em geral tratam de pessoas públicas, cientista, esportistas ou dos que provocaram impacto na sociedade.

Na escrita biográfica destaco a corrente positivista onde se realçam os heróis da sociedade, exemplos a serem seguidos e seus feitos dispostos cronologicamente, mostrando seu progresso. E a marxista, em oposição, que dá enfoque às estruturas sociais e ao coletivo. Devido a essa visão em um

¹ Apresentado na abertura dos eventos dos 70 anos da Academia Amapaense de Letras. Macapá, 21 de junho de 2023.

determinado momento da história, as biografias passaram a receber menos relevância como gênero de escrita. As correntes da escrita biográfica têm em comum o caráter de relato, que conta uma história sem excluir aspectos contextuais, sentimentais, cultura, vida privada e até política.

Sônia Farias Professora de Teoria da Literatura UF de Pernambuco esclarece que “Teorias dedicadas ao gênero memorialista buscam elucidar o filão autobiográfico. Os relatos de indivíduos fornecem informações, e o inscrevem no tempo e no espaço, por meio da expressão ficcional ou poética. A memória familiar reconstruída dramaticamente e tecida pelo protagonista ou pela voz poética revela e traduz a formação social no bojo das transformações culturais e científicas ao longo da história”.

O século XX marcou o advento da biografia romanceada, na qual se recria, ficcionalmente, o material coletado sobre os biografados. Saliento a biografia de Stefan Zweig, Judeu, humanista, pacifista e crítico do nazifascismo. Esse gênero, geralmente, é resultado do levantamento da própria existência do autor e inclui confissões, memórias e cartas, que revelam sentimentos íntimos e a própria experiência como fez também Benjamin Franklin.

Na atualidade, o interesse pela vida das pessoas cresceu muito. Autores consagrados escreveram ou tiveram suas biografias escritas por outros dando consistência a essa atividade literária. Dou como exemplo as biografias de Sartre e Simone de Beauvoir e no Brasil Afonso Arinos e Pedro Nava.

Nava, médico como eu, membro da Academia Nacional de Medicina pertenceu à geração modernista de Belo Horizonte. É considerado o maior memorialista da literatura brasileira, autor do Baú de Ossos e Balão Cativo entre outros e se tornou minha referência nesse gênero literário. Traçou um painel dos costumes do Brasil no século XX, através da descrição dos hábitos familiares e populares, abrangendo quase

um século, de riqueza temática, vocabular e erudição. Nava só assumiu a literatura quando se aposentou. A morte do pai quando tinha oito anos, foi o início das suas lembranças. Nos seus livros relata suas experiências de vida, sociedade e medicina. Comove e fascina o leitor, com as lembranças da infância.

Segundo Drummond "possuía essa capacidade meio demoníaca, meio angelical, de transformar em palavras o mundo feito de acontecimentos."

Não ousou me comparar a esse eminente literato, mas modestamente, procurei pisar suas pegadas.

Depois de atingir meus objetivos profissionais como médico, tendo fundado e presidido a Sociedade Brasileira de Diabetes, presidir a Academia de Medicina do Rio de Janeiro e me tornado Membro do American College of Physicians entre outras, resolvi contar de onde vim, porque "sou como sou" e porque ajo "desta ou daquela maneira". Apaixonado por ficção, principalmente quando usada para falar da vida real, resolvi fazer parecer mentiras as verdades que vivi.

Entendi lendo Nava que vidas simples e provinciais podem ser universais. Percebi que minha história se confundia, com a história desta cidade. Estimulado pela apaixonada relação que mantenho com Macapá, que carinhosamente, com licença poética de Garcia Marques, chamo de "Minha Macondo", suas lendas, minhas histórias de família e o incontrolável desejo de impedir que o tempo, esse demolidor implacável, destruísse minhas lembranças, resolvi deixar meu testemunho escrito para meus amigos e descendentes contando como "vi e senti a vida".

Concluí que poderia retratar nossa cidade através da maneira pela qual as pessoas conviviam sabendo que essa interação social permeia o imaginário coletivo. E entendendo que apenas a literatura poderia mostrar essas características, descrevendo pessoas, hábitos, costumes, relações e a ocupação

do espaço urbano. Foi isso que procurei traduzir com minhas histórias e por isso escrevi o livro “É Assim Que Eu Conto”.

Minha memória autobiográfica percorreria a linha de uma história pessoal e ao mesmo tempo coletiva, contando o que chamei de “ofício de viver”. Utilizaria este enorme e ao mesmo tempo minúsculo conjunto de observações, memória, sentimentos e escrita para reconstituir como se vivia aqui enquanto a guerra dizimava vidas na Europa.

De início sofri pela certeza de que jamais conseguiria inserir nas minhas narrativas todo o contexto e todas as pessoas. Resolvi seguir tendo em mente que esse poderia ser motivo para outras histórias e ampliar meu universo em um novo livro. Na minha fantasia nasci “quase gêmeo” do Território Federal do Amapá. Viemos ao mundo em setembro de 1943, e crescemos juntos, o Território e eu, de mãos dadas como irmãos.

Criança acompanhei a chegada do governador Janary Nunes. Escutei, da minha rede, nas madrugadas, os passos marcados das botas daquele homem poderoso e gentil batendo sistematicamente na calçada em frente à minha casa a caminho da antiga sede do governo. Anos depois me coube acompanhá-lo como médico, o que muito me honrou. Janary trouxe consigo a esperança, a luta contra as doenças e o analfabetismo, o otimismo e o progresso que aumentou com a descoberta das jazidas de manganês na Serra do Navio, revolucionando a economia. Assisti à construção de escolas, hospital e do fórum e seus magníficos leões.

Tenho saudade daqueles tempos em que o sorriso habitava os rostos dos macapaenses.

Muito me entristeceu quando minha editora vetou colocar no livro os reais nomes das pessoas só me permitindo os da minha família. Entretanto, os mais velhos, seguramente vão identificar os encantadores macapaenses da minha infância e juventude. Exatamente os que aqui viveram e muito

contribuíram para forjar minha personalidade. Fixando no papel um pouco deles, de seus gestos e personalidades, através da minha história pessoal expressei minha gratidão.

Assim como Nava, comecei pela relação com meu pai, base do meu vínculo com a cidade. Esse incrível macapaense apaixonado, me mostrou o amor pelos semelhantes, a diferença entre o discurso e a ação, a importância do exemplo, a generosidade, a dar sem receber. Me mostrou o que era a amizade, cristalizada na benquerença do meu pai pela figura forte do seu irmão negro, meu querido tio Casemiro. Eram irmãos, mas irmãos mesmo, desses que não traem e que perdoam os erros. O tio era o irmão negro do meu pai branco e judeu e aqui viviam. A cidade lhes dava o “caldo de cultura” para permitir isso enquanto em outras plagas se matavam pessoas apenas por serem diferentes ou praticarem crenças diversas. Aqui neste paraíso conviviam Judeus, brancos, negros e árabes. Eu amava o tio Casemiro e o amava tanto que um dia passei pó de carvão na pele para ficar igual a ele. Com eles entendi que o mundo era de todos, que o preconceito mata e o respeito pelo diferente une e enche o coração de alegria.

Como já disse somos judeus e não contávamos com uma sinagoga e a religião por nós era aprendida “de ouvir dizer”. Na verdade, fazíamos uma inocente confusão. Guardávamos o Shabat e acompanhávamos as procissões. E como isso nos fez bem! Acreditem.

Essa foi a base da minha formação moral e ética. A ausência de preconceito. E isso eu aprendi aqui nessa cidade que transpirava amor, solidariedade, progresso e fraternidade.

Não posso deixar de marcar minhas saudades. Tenho saudade do Macapá Hotel onde se podia saborear um Flip guaraná no final da tarde, dançar boleros e jurar amor eterno; do grupo Escolar Barão do Rio Branco onde fui alfabetizado; da olaria que a tantos deu emprego e cujos vasos com decoração marajoara ainda guardo com carinho; da Turma do buraco que

plantou tantas arvores e deu emprego aos jovens - e tantas outros locais e iniciativas.

Acredito que os que me lerem no “É Assim Que Eu Conto”, terão a oportunidade de voltar no tempo e ver que na minha Macondo; um bode podia se transformar em um carneiro, sentir a angústia que a derrubada de um abacateiro podia provocar em uma criança e quanto doía em homem simples um coqueiro anão ser abatido, vivenciar o medo da Matinta Pereira e o pavor que os meninos tinham do médico que veio a cidade lhes cortar “as bolas”. Poderão se deliciar com uma comida esquisita chamada “cachorro quente”, na verdade um sanduíche de picadinho bem temperado que ainda hoje me faz “aguar”; entenderão porque minha mãe dona Clemência na verdade se chamava Piedade e poderão entender minha relação carinhosa com uma senhora idosa que se expressava com mãos calosas de quem tanto trabalhou e me adoçava a boca com o melhor mingau de mucajá, conhecer as lendas e verdades que cercam o meu avô Capitão Leão Zagury, que escolheu essas terras para estabelecer sua família. Voltarão no tempo e namorar ao pé da cruz em frente ao velho cemitério, ter medo de fantasmas e roubar um beijinho da namorada no passeio da tarde de domingo no Trapiche.

Ainda tenho histórias para contar. Ainda tenho gente para lembrar. Preciso falar do seu Congó que tanto me assustava e do que me ensinou, da visita do candidato Jânio Quadros, das matines no cine teatro territorial onde assisti aos domingos os filmes de Tarzan. Não, não falei da querida Sarah Alcântara, fiel amiga da minha mãe, que me mostrou um pouco do que era ciência quando me deu uma revista que se chamava “Ciência em quadrinhos”. Não falei da generosidade das minhas irmãs Cesarina e Dos Anjos exemplos de gratidão. Das irmãs Quitéria e Tereza Tavares, que talvez não saibam o quanto as quero. Não falei das flores da dona Anita. Mas sobretudo não falei da saudade do Flip Guaraná parte da memória afetiva de muitos.

Não posso esquecer minhas professoras Orlândina Melo e Acinê Garcia que me ensinaram a ler e escrever e da professora Zenar que me disse que escrever com a mão esquerda poderia ser útil e o quanto isso me foi realmente útil em um momento posterior da vida. Não se pode falar de memória aqui sem falar do Memorial do Amapá e desse incansável Walter do Carmo. Não, não falei de todos, mas os que faltaram servirão de estímulo para manter o entusiasmo pela vida.

Houve um momento em que pensei ter me desligado dessa cidade. Mas Macapá me chegava de diferentes maneiras, como quando o diretor do meu hospital pediu para atender alguém “de um lugar do qual eu nunca ouvira falar”, da moça que me disse ser minha “irmã de leite” por ter sido amamentada pela minha mãe.

No meu livro deixei claro a dor da saudade e de como foi para mim viver longe daqui.

Considero-me testemunha de uma época e ao reler meus textos muitas vezes choro e outras sorrio porque os meus personagens ainda vivem. Contando minhas histórias penso estar apresentando aos mais jovens os ícones da minha época e agradecendo aos que trabalharam braço a braço com meu pai para que eu enfim conseguisse meu diploma de médico.

Obrigado macapaenses, muito obrigado.

Garcia Marques retirou-se da vida pública ao perceber que seu estado de saúde vinha se agravando. Escreveu uma carta de despedida aos amigos dizendo que se D’us o presentasse com mais vida diria aos “velhos que a morte não chega com o fim da vida, mas, sim com o esquecimento”.

Escrevi para que ninguém esqueça os simples que aqui viveram e construíram essa metrópole com amor e trabalho. Obrigado macapaenses, muito obrigado.

MENSAGEM DO GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ À ACADEMIA DE LETRAS ²

Ana Girlene Dias de Oliveira

VIVA A ACADEMIA DE LETRAS

Excelentíssimo senhor presidente e demais membros da Academia Amapaense de Letras, meus cumprimentos em nome do governador do Estado do Amapá, Clécio Luís, que, infelizmente, em razão de agenda fora do Estado, não conseguiu comparecer presencialmente nesta ocasião.

Honrada em participar desta solenidade, que comemora os 70 anos da nossa Academia, trago, em nome do Governo do Amapá, o justo reconhecimento ao trabalho de homens e mulheres que dedicaram e seguem dedicando suas vidas para a promoção do desenvolvimento literário, cultural, científico e artístico do Amapá.

Desde a sua fundação, em 1953, passando pela sua reativação, em 1988, a Academia Amapaense de Letras vem cumprindo um papel fundamental para a nossa sociedade, promovendo atividades que enriquecem não somente o ambiente acadêmico, mas envolvem diversos seguimentos da sociedade, para debater ações, projetos e iniciativas que fomentam e fortalecem a produção literária no Estado.

Foi assim desde a sua fundação. A inspiração para o novo sempre esteve presente, basta relembrar a revolucionária publicação criada por Ivo Torres, Alcy Araújo, Arthur Nery Marinho, Vilma Torres, Aluizio da Cunha, e outros, a *Revista Rumo*, que mobilizava intelectuais, jornalistas, escritores e todos os interessados em difundir a nossa cultura.

² Discurso proferido na solenidade de abertura dos 70 anos da Academia Amapaense de Letras.

No Editorial do nº 1 da *Rumo*, o diretor-responsável, Ivo Torres, descrevia o desafio da época:

Uma revista de arte e cultura sempre evidencia um salto para o futuro. Uma nova publicação nascida de gente moça, naturalmente, pela seiva entusiasta que lateja, deixa no clima um nervosismo saudável. A revelação revolucionária de coisas inéditas. A quebra do silêncio. A casa limpa, com sol, sem teias de aranha. Uma coletividade só representa alguma importância, sua voz é notada, seus filhos autenticados e o nome guardado e reconhecido pela sua cultura.

Eles estavam certos, sempre atentos, um passo à frente, nos guiaram e os frutos seguem germinando.

Sem dúvida, foi esse espírito revolucionário que inspirou muitas gerações. Essa energia sempre esteve presente e, para citar apenas uma ação concreta, relembro do Governador Clécio Luís, quando, no ano de 2020, então prefeito de Macapá, lançou o projeto literário *Coleção Letras de Apacam*, idealizado e coordenado pelo poeta Joãozinho Gomes e pelo sociólogo João Milhomem.

As obras editadas e reeditadas, de autoria dos escritores Manoel Bispo, Alcy Araújo e Isnard Lima, ganharam uma edição histórica. *Letras de Apacam* tiveram como objetivo destacar as obras dos pioneiros e poetas modernos que, na década de 1960, atuaram de forma definitiva para o desenvolvimento e engrandecimento da literatura amapaense. Justíssima homenagem. Sim, a história se entrelaça e tudo permanece vivo em nós.

Apacam, termo que significa Macapá ao contrário, teve o propósito de revisitar as nossas obras literárias, como o Seiva da Energia Radiante, de Isnard Lima, Autogeografia e Ave-Ternura, de Alcy Araújo, e Manoel Bispo, que preferiu fazer a sua Obra Reunida.

Destaquei essa iniciativa e poderia listar muitas outras. Há um trabalho em curso para recuperar bibliotecas, apoiar e incentivar nossos escritores. Visitar o passado, buscar inspiração e olhar para frente. Sim, é importante demarcar que o tempo passou e os desafios da nossa sociedade são muitos, urgentes, emergentes, tantos outros, lançados neste momento da história e que recaem sobre a gestão estadual e as obrigações do Governo do Estado do Amapá, tais como: Índice de Desenvolvimento Humano é 0,688 (2021), o penúltimo do Brasil; 88,8% do PIB é composto pela administração pública, comércio e serviços; alta taxa de desemprego; alta a taxa de informalidade (51,4% da população ocupada); apresenta um dos piores indicadores de morbimortalidade materno-infantil do país, dentre outros.

Os desafios para melhorar o desempenho da Educação são também gigantes. No Estado do Amapá, segundo o Anuário de Educação Brasileiro da Educação Básica (2021), apenas 20,2% dos alunos da rede pública terminam o Ensino Fundamental com aprendizagem adequada em Língua Portuguesa. No Ensino Médio, são 17,2%. Além disso, apenas 56 de cada 100 jovens, concluem o Ensino Médio até os 19 anos.

O Relatório de Informações Sociais do Estado do Amapá (CadÚnico, 2021), indicam que 79.274 famílias se encontram em situação de extrema pobreza, o que representa uma verdadeira tragédia social, situação agravada pela crise econômica do país e pela crise sanitária decorrente da COVID-19. Apesar disso, acreditamos que é plenamente possível enfrentar e mudar esta realidade, com investimentos constantes e crescentes na única prioridade que pode nos gerar futuro: a educação.

Nesse sentido, reforço o pedido de apoio e parceria permanente com esta Academia, par um diálogo permanente, provocativo, disruptivo, capaz de nos lançar adiante das dificuldades e limitações, no único universo onde tudo é possível, a literatura.

Além de ser um guardião da memória literária, a Academia tem sido um celeiro de inspiração e estímulo para as gerações futuras de escritores. Através de suas atividades, e eventos, ela tem incentivado o florescimento de novos talentos, garantindo que a tradição literária do Amapá permaneça viva e pulsante.

Hoje, ao celebrarmos os 70 anos da Academia Amapaense de Letras, prestamos homenagem não apenas à instituição em si, mas também aos imortais que a moldaram e aos futuros guardiões da tradição literária que ela continuará a inspirar. Que esta seja uma oportunidade para refletir sobre a riqueza de nossa herança literária e renovar o compromisso com a promoção das letras no Amapá.

Como disse anteriormente, estou honrada com a oportunidade de representar o Governo do Estado neste evento, e, atualmente, na direção da Rádio Difusora de Macapá, quero renovar o nosso compromisso jornalístico e humanitário com essa Academia Amapaense de Letras de mantermos em nossa grade de programação espaços que estimulem o gosto pela leitura, a exemplo do programa semanal *Biblioteca no ar*.

A Rádio Difusora, que há 78 anos cumpre um papel fundamental de levar informações de qualidade aos locais mais distantes da nossa imensa Amazônia, encontrando nos lares e no coração dos ribeirinhos um lugar certo, tem espaço para a Academia Amapaense de Letras.

Peço gentilmente licença para citar Alcy Araújo, que será o grande homenageado por ocasião do seu centenário, em 2024, quando o Governo do Estado fará uma grande Folia Literária no Amapá, e, com o seu chamado a luta no poema *Participação*, deixar aqui registrado o estado de espírito e de ânimo que nunca deve faltar a uma sociedade combativa e inspirada por estes homens e mulheres aqui presentes ou representadas.

Estou convosco.
Participo dos vossos anseios coletivos.
Vim unir meu grito de protesto
ao suor dos que suaram
nos campos e nas fábricas.

Aqui estou
para juntar minha boca
às vossas bocas no clamor pelo pão
sancionar com este rumor que vai crescendo
a petição de liberdade".
(Alcy Araújo)

Que venham mais décadas de prosperidade e luz, à medida que a Academia Amapaense de Letras continua a ser uma fonte de sabedoria, cultura e inspiração para todos nós. Parabéns pelos 70 anos de dedicação às letras, à história e à cultura do Amapá! Que este seja apenas o começo de uma jornada ainda mais extraordinária.

Sigamos firmes na luta, viva a Academia Amapaense de Letras.

Obrigada aos imortais.

O TERRITÓRIO FEDERAL DO AMAPÁ PELO DISCURSO FUNDADOR: CULTURA LITERÁRIA E POLÍTICA

Fernando Canto
Cadeira 04; Patrono: Coaracy Gentil Nunes Presidente AAL

Yurgel Pantoja Caldas

O futuro do romance está na América Latina, onde tudo está por ser dito, por ser nomeado, e onde, por sorte, a literatura surge de uma necessidade, não de um esquema comercial ou de uma imposição política, como muitas vezes acontece em outras partes.
(Carta de Carlos Fuentes para Mario Vargas Llosa, 1964)

Homens modernos, dispostos a construir em nome de um sonho, em nome de uma ideologia que preconizava a mudança do mundo para melhor como ideário político-ideológico, chegaram ao Amapá oito meses depois da criação dos novos Territórios Federais, pelo Decreto-Lei 5.812 de 13 de setembro de 1943.

Seriam pioneiros de uma gleba nacional abandonada por quase dois séculos pelo poder central da nação brasileira. Eram homens decididos a tomar a história pelas rédeas e mudar o que fosse preciso dentro de um processo inusitado de conquistar politicamente uma região ainda inóspita, pobre e doente.

Porém tudo ainda estava por fazer e não havia tradição na arte de escrever. Mas se é verdade que *sem a tradição não há literatura como fenômeno de civilização*, como diz Antônio Cândido (2000, p. 24), só com o tempo se pode formar uma tradição, que são as coisas suscetíveis de mudança, que perdem valores e agregam

outros no decorrer da vida social e cultural. E assim vivia Macapá, na primeira fase de sua vida como capital do Território Federal do Amapá, em busca de uma cultura literária que só seria consolidada com a criação de uma Academia de Letras.

Ao se reportar sobre a falta de tradição literária Cândido (*Id. Ibid.*) diz que, em

fases iniciais é frequente não encontramos esta organização, dada a imaturidade do meio, que dificulta a formação dos grupos, a elaboração de uma linguagem própria e o interesse pelas obras. Isso não impede que surjam obras de valor, - seja por força da inspiração individual, seja pela influência de outras literaturas. Mas elas não são representativas de um sistema, significando quando muito o seu esboço. São manifestações literárias, como as que encontramos no Brasil, em graus variáveis de isolamento e articulação, no período formativo inicial que vai das origens, no século XVI, com os autos e cantos de Anchieta, às Academias do século XVIII.

O autor da *Formação da Literatura Brasileira* reforça inicialmente essa posição quando fala que “cada literatura requer tratamento peculiar em virtude de seus problemas específicos ou da relação que mantém com as outras” (*Idem*, p. 9).

Os atores sociais já estabelecidos e organizados no Amapá, no governo de Janary Nunes, mesmo sabendo da incipiente produção literária local, fundaram a Academia Amapaense de Letras, em cuja inauguração o governador foi o principal orador. As palavras do seu discurso publicado no *Jornal Amapá*, de 06 de julho de 1953, trazem a retórica do discurso fundador:

Senhor presidente, senhores membros, excelentíssimas senhoras, senhores.

O Amapá é uma ideia em marcha para o porvir, é um sonho que se realiza a cada

instante. Debruçado entre o Oiapoque e o Jari, no maciço guiano, cuja idade é a da formação da terra, contempla na direção do nascente a imensidão do oceano e ao sul do gigantesco Amazonas, que liga os Andes ao mar vislumbrando seu destino universal. A história de incorporação de seu solo à Pátria é o mais inteligente e o mais perseverante capítulo do livro de ouro escrito pela diplomacia brasileira na fixação das nossas fronteiras.

O Amapá merece assim uma academia, cujos membros sejam os garimpeiros de suas pedras preciosas ainda por descobrir, nesse cascalho rico que é o seu passado, nossa mina que é sua natureza. Surpreende-nos, entretanto, senhores acadêmicos a honra demasiada que nos concedem, escolhendo-nos membros honorários de vossa sociedade. Não encontramos frases apropriadas para exprimir nossa gratidão a esse gesto que nos cativa eternamente.

A literatura voltada para o discurso fundador se concretiza nos escritos *em, de* o *sobre* o início do Território Federal do Amapá, no qual a Fortaleza de São José de Macapá, poucas vezes citada literariamente, como no poema “Macapá”, de Alexandre Vaz Tavares (1889), passa a ser uma referência para o sonho da mudança social que se escreveu e que faz parte de uma literatura emergente, mesmo como “manifestações literárias”, conforme disse Antônio Cândido.

Nessa categoria de “manifestações”, surge um dos primeiros discursos de Janary Nunes, escrito em 5 de dezembro de 1944, que cremos ser de grande importância para a consolidação dos projetos governamentais que viriam em seguida porque, dentre outras coisas, estabelece a figura do Caboclo como herói, indicando sua importância para a construção de um novo Amapá através do trabalho – estratégia marcante nos primeiros anos do Amapá como território federal.

A MELHOR FORTUNA TERRITORIAL

Quando se fala na criação dos novos Territórios, o que salta na imaginação do povo é o tamanho da terra. São as extensões virgens e desertas onde se sonham tesouros. Pouco se pensa na gente.

A riqueza impressiona mais do que o homem. O caboclo foi sempre humilde, calado, doente...

Entretanto o amazônida é um verdadeiro gigante. Só quem o vê na rêde tremendo de frio aos dez dias de nascido e o acompanha crescendo com a cultura permanente em seu sangue do *plasmodium vivax* ou do *falsiparum*, devorado pelos vermes, habituado ao trabalho antes de entrever qualquer brinquedo, prematuro no sexo como no sofrimento, pode considerar o vigor desse ser que venceu tremendas batalhas interiores.

Alimentado irracionalmente, analfabeto, verdadeiro pária, amarelo e encolhido no meio das pessoas civilizadas, transforma-se num semideus ao contato com a natureza, enfrentando impassível as tempestades e a pororoca, lançando-se à água para amparar a canoa do naufrágio e esperando entre as ondas que o tempo amaine, ou embrenhando-se desarmado e tranquilo para ir colher a borracha ou a semente oleaginosa. [...].

Sente-se no caboclo, inteligência, sagacidade e espírito de iniciativa. Formou a sua filosofia. Não há perigo em deixá-lo na companhia do estrangeiro. É inassimilável. Mudará hoje pelo interêsse sem que sua personalidade perca o seu rumo.

Encontro nessa gente as características másculas de uma raça fadada ao triunfo.

Teremos de sacudí-la, irritar os seus nervos adormecidos, absorvê-la pela educação.

Se conseguirmos, porém, conservar as vidas que se perdem em função do abandono e da ignorância, na mortalidade infantil exagerada, estaremos multiplicando o homem indicado para o domínio da terra equatorial.

Ele é, com toda a certeza, a melhor fortuna territorial. Tratá-lo, educá-lo, elevá-lo, enriquecê-lo, deverá ser a diretriz de toda a atividade do Governo. Porque constitui em essência a garantia da penetração e da exploração da gleba e o fator mais precioso da segurança das fronteiras.

[...] Misturado ao nordestino e ao sulista, - o caboclo, - irmão gêmeo do jangadeiro, do sertanejo, do gaúcho e do vaqueiro, será o cimento que amalgamará outras raças e desbravará o sertão, marchando sob um azimute que só tem um destino – *o Brasil primeira potência do mundo.*

Parafraseando Eni Orlandi (1993, p. 2) – que diz que se discute a identidade brasileira “seja para dizer que não temos uma identidade, seja para afirmar que não somos isso ou aquilo, seja para dizer que temos atributos, na maior parte das vezes, não recomendáveis” – diríamos que, mais especificamente em relação à história do Amapá, os discursos fundadores são os que funcionam como referência básica no imaginário constitutivo do Estado. Nesse contexto, precisará a história local de um sentido, para ser considerada em sua essência, e os discursos da formação do Território Federal se estabilizaram como referência na construção da memória coletiva do Amapá.

Nesse contexto, é de Janary Nunes o discurso sobre a “Confiança no Amapá”, uma coletânea de impressões desse governante sobre o Território do Amapá, organizado para

servir de propaganda política à Câmara Federal, em 1962. Nessa obra, espécie de revisão de quase duas décadas sobre o território federal, Janary reafirma seu compromisso iniciado desde que foi nomeado como seu primeiro governador:

CONFIANÇA NO AMAPÁ

Amapaenses!

[...]

O Amapá alimentou, então, sonhos e esperanças de vir a tornar-se um Estado rico, um São Paulo do Setentrião do País. [...]

O Amapá constituiu um exemplo autêntico da possibilidade de se plasmar uma Civilização de alto nível sob a linha do equador (Nunes, 1962, s/p).

O trecho acima traz o desejo de uma nova ordem necessária a uma ideia de progresso que já se via desejável quando Janary assume o governo territorial. Agora – com Brasília erguida e funcional como a nova capital do País e com a literatura amapaense amparada pela Academia Amapaense de Letras (1953) e com o sucesso dos *Modernos Poetas do Amapá* (1960) – temos a busca por uma nova tradição vivificada pelo desejo de múltiplas transformações, reais e concretas. Entre as transformações desejáveis e projetadas, tal como Brasília, estaria a ressignificação do lugar e o vislumbre do “Amapá Estado”, uma vontade política que poderia significar todo o esforço demandado pelos seus fundadores.

Se todo discurso possui interferências que estão ligadas ao cotidiano de uma sociedade e, conseqüentemente, à cultura de um povo, considerando inclusive suas crenças (Mortari e Paim, 2009), o quadro político indicado para as mudanças naquele período da vida amapaense deveria soar como algo concreto para a sociedade daquele lugar. Por outro lado, a natureza do discurso, incluindo o político, conforma uma

narrativa dotada de certo poder de encantamento (Souza, 1990) e revestida de certo poder de realização, que se dá pelo convencimento do ouvinte e/ou do leitor.

Depois de dez anos governando o território amapaense, Janary precisava se manter no poder com um discurso que provocasse no povo a responsabilidade do trabalho “numa região em que tudo estava por fazer” (*Idem*. Pág. 12), num local em que a população aumentara consideravelmente e que precisava ser abastecida em suas necessidades mais imediatas.

Não havendo produção o Governo plantou para abastecer, fez-se marchante, fazendeiro e distribuidor de carne. O plano de obras era enorme, mas não havia tijolo ou telha, mosaico ou marmorite e outros materiais necessários para construções, e a importação era muito cara. Então o Governo montou uma olaria de grande vulto, depois invadiu outras atividades da área privada porque as que existiam eram frágeis. Construiu hotel, rádio, jornal, transportes fluviais, trabalhos agrícolas, além de empregar-se nas funções administrativas. E permaneceu sob a égide ideológica da Mística do Amapá (*Idem*).

No nosso ponto de vista ela foi o reforço orgânico necessário para a manutenção do poder num período em que este foi ameaçado por forças políticas contrárias ao seu governo. Depois de dez anos seria natural que a ideologia do governo tivesse se desgastado e, em sua lógica para explicar e justificar a realidade concreta, também tivesse funcionado para dissimular a dominação e esconder conflitos.

O governo estava presente em todas as esferas de realidade, em todos os momentos da vida social. Como detentor dos meios de comunicação, propagava, mantinha e reproduzia sua concepção de mundo, de um grupo hegemônico

comprometido com modelos valorativos que àquele instante eram importantes para a sua sobrevivência.

O Governo, em síntese, escreveu mais uma história de dominação e de desigualdade numa região da Amazônia que poderíamos considerar capitalista, não obstante ter uma organização burocrática (insuficiente) antes de ser Território Federal. Foi, na realidade, a inserção de valores exógenos em uma comunidade culturalmente tradicional, que por si só, com o passar do tempo, teve condições de se reestruturar e de se reorganizar, mesmo com o impacto da instalação do seu primeiro Governo Territorial quando sofreu rupturas indeléveis.

REFERÊNCIAS

CÂNDIDO, A. **Formação da Literatura Brasileira**: momentos decisivos. 6ª. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000.

MORTARI, E. C. M.; PAIM, M. B. Os discursos midiáticos e os discursos políticos: interfaces teóricas. **Revista Comunicação & Política**. Vol. 27, nº 2, maio-agosto 2009. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos, 2009.

NUNES, J. **Jornal Amapá**. Macapá: 1945.

NUNES, J. **Confiança no Amapá**. Macapá: Imprensa Oficial, 1962.

NUNES, J. **Jornal Amapá**. Discurso de Inauguração da Academia de Letras. 06 jul. 1953.

ORLANDI, E. (org.). **O discurso fundador**. Campinas: Ed. Pontes, 1993.

DISCURSOS CONTEMPORÂNEOS



Dia de equinócio, Macapá (AP)
Foto Jadson Porto.

A APRENDIZAGEM TERRITORIAL AMAPAENSE: A LIÇÃO, SABEMOS DE COR. SÓ NOS RESTA APRENDER³

Jadson Porto
Cadeira n. 17; Patrono: Joaquim Caetano da Silva

No ano em que o Amapá completa 80 anos de existência como ente federativo, uma série de atividades foram elaboradas alusivo ao assunto no Estado. No meio acadêmico, tive a oportunidade de organizar duas obras com alguns intelectuais aqui estabelecidos e que aceitaram o desafio (Porto, 2003; Porto, 2023a e 2023b).

Este texto é um ensaio reflexivo que visa debater sobre qual foi o aprendizado territorial amapaense em suas 8 décadas de uso de seu território, sua função na economia-mundo e em suas (re)configurações territoriais.

Para Rocha (2016, p. 17), *A territorialização propõe-se como um processo e pressupõe aprendizagem*. Sobrinho (2016, p. 328), por sua vez, entende que a aprendizagem territorial significa a incorporação de três dimensões de autorreconhecimento, no permanente reposicionamento no contexto das inter-relações global-local e local-global e, o reconhecimento do território como espaço de conflito e de negociação para sua qualificação. Lembra, também, que as novas práticas de ação pública e gestão do território são advindas das experiências anteriores ocorridas no próprio território”.

O Amapá aprendeu a ser fornecedor de *commodities* e de suas potencialidades. Sendo que os mais recentes aprendizados

³ Ensaio apresentado na Oficina “História e os discursos sobre o (des)envolvimento do Amapá”, durante a XX Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, Macapá, 2023.

dizem respeito a ser produtor de energia elétrica para a urbanização e industrialização nacional e as expectativas da inserção do Amapá no circuito internacional petrolífero internacional. Neste rumo, além de aprender, o Amapá também foi muito estudado, seja para os levantamentos de suas potencialidades pelo capital, seja nas dissertações defendidas nos programas de pós-graduação *stricto sensu* da Universidade Federal do Amapá, como também fora do Estado.

Evidenciaram-se, então, nestes aprendizados e estudos: potencialidades, usos e desusos do seu território; acionalidades, desacionalidades e reacionalidades do território (Porto, 2021); expõem, também, as desigualdades geográficas desiguais e as desigualdades sociais evidenciadas em diversos indicadores.

Em 8 décadas de existência como ente federativo, o Amapá passou por (re)formatações e (re)configurações espaciais, econômicas, institucionais ocorreram em seu território (Porto, 2022c).

Até a década de 1990, a exploração manganêsfera apresentava-se como a principal atividade econômica na balança comercial amapaense e a grande atuação do Estado em investimento público na sua economia. A partir de então, as reflexões sobre este ente federativo passaram a ser repensadas, reinterpretadas, rediscutidas, decorrentes da inserção e diversificação de outras atividades, embora continuem serem exercidas no setor de serviços e de exportação de *commodities*, mas de produtos para além da mineração. Daí a necessidade de se rever o impacto deste novo perfil de produção e intenções de desenvolvimento proferidos.

Entre as releituras, expõe-se aqui, com teor geográfico, a de que o Estado do Amapá se comporta como um “*território estratégico recomposto periférico tardio e institucionalizado*” (Porto, 2020), constantemente *acionado* pelo capital (Porto, 2021), à

medida que se *implantavam sistemas de engenharia e ajustes espaciais* no espaço amapaense (Porto; Guimarães, 2023).

Assim, gradativamente, em sua temporalidade, este ente federativo passa a manifestar os seguintes comportamentos: De periférico nacional a estratégico internacional, o Amapá vem se consolidando; de fronteiro desconectado a articulado, vem sendo construído; de espaço de expansão a de restrição, vem se formatando; da condição fronteira a ensaios transfronteiriços, vem se construindo; vivificações e vitalizações espaciais, continuam sendo elaborados para estimular novos usos e reconstruir a outras funções de seu território.

Porto (2022c), ao observar o comportamento da construção do uso do território amapaense em suas ações econômicas e institucionais, também sugere: propostas para reflexões sobre o espaço amapaense e; temporalidades de análise, para se perceber a trajetória das dinâmicas espaciais amapaenses.

Quanto ao repensar à questão urbana amapaense, vários os fatores corroboraram para a sua urbanização e para a construção da sua condição urbano-metropolitana (Porto, 2018). Assim, institucionalidades e espacialidades urbanas foram construídas, onde as institucionalidades intencionam regulamentar as espacialidades, seja para *vivificar* ou *vitalizar* o território⁴. A nova espacialidade da condição urbana amapaense, para Porto (2018), foi dinamizada pela transferência de capital do TFA, do Município do Amapá para Macapá (1944), 250 km mais ao Sul. No período entre 1950-2020, a população amapaense

⁴ Para Porto e Superti (2022a), *vivificação* e *vitalização* ajudam a explicar a institucionalidade e a espacialidade quanto ao uso do território. Enquanto o primeiro, *vivificar*, diz respeito ao estímulo das políticas públicas na conformação do território; o segundo, *vitalizar*, expressa o uso do território em si, seja em ações formais ou informais, expressando seu uso econômico, político cultural. São contínuos, inter-relacionados e com tempos distintos de execução. Ambos são resultantes de suas temporalidades, logo são constantemente recompostas, revistas e reinventadas.

concentrou-se em sua capital e em sua cidade vizinha, Santana; após a década de 1980, em Laranjal do Jari, por influência dos investimentos do Complexo Industrial do Jari entre na bacia hidrográfica do rio Jari. Na década de 1990, Oiapoque começa a ampliar sua urbanização por conta das expectativas da transfronteirização com a Guiana Francesa. Ao se observar os indicadores demográficos do período entre 1991-2020, dois comportamentos para a aglomeração urbana amapaense são percebidos: o primeiro se refletindo em cidades pequenas, criando expectativas para novas concentrações urbanas nas BR-156 e 210; e na criação da Região Metropolitana Amapaense (RMA). Porto (2022a e 2022b), sugere, também, uma periodização para se refletir sobre a urbanização amapaense.

A construção daquelas rodovias gerou novas dinâmicas territoriais locais, por passarem por trechos distantes dos rios, terras-firmes, e gerando vilas e cidades às margens rodoviárias.

Quanto à metropolização amapaense, após 2003 a condição urbano-metropolitana amapaense inicia uma nova etapa em sua configuração espacial (Porto *et al.*, 2019), e a sua institucionalidade da RMA implica em sua nova regionalização amapaense, exigindo per si de novos olhares e análises sobre este espaço ainda em construção, pois o seu comportamento é de uma *região em metropolização* (Silva; Porto, 2022). Então, esta região amapaense deve ser percebida, planejada e analisada como uma espacialidade conjunta, composta pelos municípios por ela envolvidos (Macapá, Santana e Mazagão). Neste sentido, a RMA deve ser analisada sob três entendimentos, ei-los: *espacialidade, institucionalidade e territorialidade*.

Enfim, em oitenta anos de existência, o Amapá foi ocupado, descoberto, estudado, acionado mediante aos interesses identificados em suas temporalidades e materializado. E o que se tem percebido da linha de conexão entre este aprendizado territorial amapaense, é que a não instalação de empreendimentos para a agregação de valor dos produtos aqui

explorados, sendo a mais recente com este comportamento diz respeito à exploração do petróleo no litoral amapaense, em que não há previsão de instalação e uma refinaria no Amapá. Possui comportamentos distintos em suas fases (enquanto Território Federal e enquanto Estado); em seus usos territoriais recompostos em suas temporalidades, inseridos na economia-mundo e nas políticas territoriais nacional e regional; em busca de seu centenário e; nas expectativas de alcançar o seu desenvolvimento.

E entre reflexões, regionalizações e periodizações, *Amapás* aparecem, são construídos; politizados; reconstruídos com novas funções e uso; acionados; aprendeu que não possui um espaço homogêneo e que também tem sido estudado

A lição, sabemos de cor. Só nos resta aprender.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PORTO, J. L. R. **Amapá: Principais Transformações Econômicas e Institucionais (1943-2000)**. Macapá: SETEC. 2003.

PORTO, J. L. R. A construção da condição urbana-metropolitana amapaense. **Acta Geográfica**. v. 12, p. 145-159, 2018.

PORTO, J. L. R. **Desenvolvimento geográfico desigual da Faixa de Fronteira da Amazônia Setentrional brasileira: reformas da condição fronteiriça amapaense (1943-2013)**. Maringá: Uniedusul, 2020.

PORTO, J. L. R. A acionalidade espacial e a Amazônia: de espaço isolado, truncado, à busca pela integração. In: SANTOS, A. Q. et al. **Wilson Cano: A questão regional e urbana no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo: Editora Expressão Popular: ABED, 2021. p. 362-377.

PORTO, J. L. R. Entre vivificações e vitalizações espaciais: Entre transferência de capital a novas aglomerações urbanas no território amapaense. In: LEOPOLDO, E.; LIMA, M. C.; SOUSA, I. S. (Orgs.). **A Produção do Espaço Urbano e Regional na Amazônia**. Rio de Janeiro: Consequência, 2022a, v.1, p. 40-60.

PORTO, J. L. R. **Periodizações para se pensar o Amapá**. Macapá: PPGMDR/Unifap, 2022b. Disponível em: DOI: 10.13140/RG.2.2.19506.27844.

PORTO, J. L. R. Repensando o Estado do Amapá (Brasil): entre (re)formatações e (re)configurações espaciais. **Revista Confins**, v. 55: 131 - 146, 2022c.

PORTO, J. L. R. (Org.). **Amapá: oitenta anos de novas acionalidades e dinâmicas territoriais (1943-2023)**. Maringá, PR: Uniedusul, 2023a.

PORTO, J. L. R. (Org.). **Os Territórios Federais no Brasil: Aspectos de um ente em construção**. Maringá, PR: Uniedusul, 2023b.

PORTO, J. L. R.; AMORIM, J. P. A.; SILVA, C. O.; MORAES, L. C. A condição urbano-metropolitana amapaense. Ensaios territoriais. In: VALERO MARTINEZ, M.; SUPERTI, E.; PORTO, J. L. R. **Las ciudades entre miradas diversas**. Macapá, Edunifap, 2019. p. 81-94.

PORTO, J.; GUIMARÃES, F. Dinâmicas e expectativas do Estado do Amapá: 80 Anos de transformações territoriais e econômicas. PORTO, J. **Amapá: oitenta anos de novas acionalidades e dinâmicas territoriais (1943-2023)**. Maringá: Uniedusul, 2023.

PORTO, J. L. R.; SUPERTI, E. Peripheral or strategic? The border condition of the amazon frontier in Brazil. **Estudios Fronterizos**. v. 23, p.1 - 22, 2022.

ROCHA, G. M. Aprendizagem territorial. In: ROCHA, G. M.; TEISSERENC, P.; SOBRINHO, M. V. **Aprendizagem territorial**: Dinâmicas territoriais, participação social e ação local na Amazônia. Belém: NUMA/UFPa, 2016. p.9-22.

SILVA, C. O.; PORTO, J. L. R. A condição urbano-metropolitana do Amapá: Novas configurações em estado fronteiriço, In: PACÍFICO FILHO, M.; SILVA, L. O. F.; LIMA, J. F.; GOMES, J. B. (Orgs.). **Urbanodiversidade**: possibilidades e contradições. Palmas: EdUFT, 2022, v.1, p. 264-297.

SOBRINHO, M. V. Aprendizagens territoriais na Amazônia paraense: O que as experiências nos ensinam? In: ROCHA, G. M.; TEISSERENC, P.; SOBRINHO, M. V. **Aprendizagem territorial**: Dinâmicas territoriais, participação social e ação local na Amazônia. Belém: NUMA/UFPa, 2016. p. 315-331.

"POEMETOS" NADA PEQUENOS DE AUGUSTO OLIVEIRA⁵

Tiago de Oliveira Quingosta de Sousa
Cadeira n. 6; Patrono: Desidério Antônio Coelho

No dia 16/11/2023 (quinta-feira), a partir das 18h00, no Mercado Central de Macapá-AP, ocorreu o lançamento do livro do escritor amapaense **Augusto Oliveira**, com o título **Poemetos: curto poema curto**, cuja editora é a UICLAP. O evento contou com muita música e poesia, culminando com o momento de autógrafos do autor.

Sobre o autor, **Augusto Oliveira** é Doutor em Desenvolvimento Socioambiental pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da UFPA, Mestre em Política e Gestão Ambiental, Historiador, Farmacêutico, Bioquímico Clínico. Atua profissionalmente como professor universitário e pesquisador. É poeta, escritor, roteirista, dramaturgo, fotógrafo, documentarista (cinema), dançarino, produtor cultural, compositor e ator.

No audiovisual criou o festival de cinema “Curta Santana num Minuto”. Possui trabalhos como roteirista em documentários, coordenador de festivais acadêmicos e em direção de vídeos. Na fotografia, publicou livro bilíngue de etnofotografia, publicou em revistas nacionais e coordenou Mostras Acadêmicas de ensaios fotográficos. Como compositor tem o CD “Trava Língua” (parceria com Cássio Pontes, não publicado), e com músicas classificadas em festivais da canção no Estado do Amapá e fora do Estado.

Na Dramaturgia é autor da Peça “O Tempo das Brincadeiras” (Teatro Infantil pedagógico), encenada no Museu Sacaca, “As Musas e o Poeta” e “A Sedução que Vem das Águas”

⁵ Apresentado no lançamento do livro *Poemetos: curto poema curto*, de Augusto Oliveira, em 16/11/2023.

(ambas de Teatro-poético-coreográfico-musical) e coordenador de Mostras Acadêmicas de Teatro Educativo. É organizador e/ou autor de 14 livros, com abordagens em ciência, tecnologia, gestão ambiental, plantas medicinais, História da Amazônia e do Amapá, fotografia, museologia e literatura (poesia).

Poemetos: curto poema curto é um livro de poemas curtos, de até sete versos. Apesar da forma, não é a forma que dá sentido aos poemas e ao livro. Trata-se apenas de critério para justificar um punhado de poemas da obra. Não é tarefa fácil selecionar o conteúdo de um livro, fato que se percebe quando o autor consegue criar um elo entre os poemas de Poemetos. Igualmente, podemos esperar novas publicações mais a frente, porque sem dúvida ainda há muito a ser dito e talvez não tenha cabido em Poemetos.

A obra, apesar de ter sido lançada no ano de 2023, já vem sendo trabalhada desde 2021, quando o acadêmico Tiago de Oliveira Quingosta de Sousa, ocupante da cadeira n. 6 da AAL (Patrono Desidério Antônio Coelho) escreveu um pequeno texto com suas impressões sobre o livro, constante das páginas 27-28.

Convidado pela Professora Juivalda Brasil, o acadêmico Tiago de Oliveira Quingosta de Sousa declamou dois poemas do autor no palco, e em seguida parabenizou o escritor, em nome da AAL, pelo lançamento de sua obra, aduzindo que foi uma honra participar do projeto; que obras literárias são como uma prole; que esperamos muito mais obras do autor futuramente e que a sociedade amapaense apenas tem a ganhar com trabalhos do calibre de **Poemetos: curto poema curto**.

Há que se ressaltar que compareceu ao evento também, representando a AAL, o acadêmico João Wilson Savino Carvalho, ocupante da cadeira n. 18 da AAL (Patrono Joaquim Gomes Diniz).

A noite contou com um público extenso de apreciadores de uma boa leitura e música e fizeram-se presentes muitos artistas como, Adriana Abreu, Andréa Lopes, Carla Nobre, Cássio Pontes, Herbert Emanuel, Nayara Cavalcante, entre outros.

RECEBAM NOSSO CARINHO E RESPEITO⁶!

Girlane Castro

No ápice de sete décadas de existência, é com imensa alegria e reverência que nos reunimos para homenagear a Academia Amapaense de Letras, um farol intelectual que tem iluminado o cenário literário e cultural do Amapá desde sua fundação. Ao completar sete décadas de dedicação às letras, essa instituição venerável nos recorda da riqueza e diversidade das contribuições literárias do estado.

Fundada em 21 de junho de 1953, a Academia Amapaense de Letras tem desempenhado um papel crucial na preservação e promoção da cultura local, abrigando e reconhecendo as mentes brilhantes que deram vida às páginas da literatura amapaense. Seus membros, ao longo dos anos, têm contribuído significativamente para o enriquecimento do patrimônio cultural do Amapá, trazendo à tona as nuances e histórias únicas que caracterizam esta região. A história da Academia Amapaense de Letras é entrelaçada com os feitos e conquistas de grandes nomes que moldaram a identidade literária do Amapá. Cada cadeira, cada patrimônio, é um elo com o passado, um tributo àqueles que ousaram sonhar e dar voz às particularidades dessa terra encantadora.

Além de ser um guardião da memória literária, a Academia tem sido um celeiro de inspiração e estímulo para as gerações futuras de escritores. Através de suas atividades, e eventos, ela tem incentivado o florescimento de novos talentos, garantindo que a tradição literária do Amapá permaneça viva e pulsante. Hoje, ao celebrarmos os 70 anos da Academia Amapaense de Letras, prestamos homenagem não apenas à instituição em si, mas também aos imortais que a moldaram e aos futuros guardiões da tradição literária que ela continuará a

⁶ Apresentado IV Sarau Literário – Histórias e Memórias, em 25/11/2023, em homenagem aos 70 anos da Academia Amapaense de Letras.

inspirar. Que esta seja uma oportunidade para refletir sobre a riqueza de nossa herança literária e renovar o compromisso com a promoção das letras no Amapá.

Que venham mais décadas de prosperidade e luz, à medida que a Academia Amapaense de Letras continua a ser uma fonte de sabedoria, cultura e inspiração para todos nós. Parabéns pelos 70 anos de dedicação às letras, à história e à cultura do Amapá! Que este seja apenas o começo de uma jornada ainda mais extraordinária.

O DISCURSO E A INSTITUIÇÃO IMAGINÁRIA DA ACADEMIA

João Wilson Savino Carvalho
Cadeira, 18; Patrono: Joaquim Gomes Diniz.

Quando comecei a ler “Discursos da Academia Amapaense de letras”, a primeira indagação que emergiu da leitura foi sobre o título, porque o organizador poderia ter escolhido “Discursos à Academia Amapaense de Letras”, dado que na obra são registradas importantes peças oratórias proferidas na Academia, por seus membros e/ou por outros cidadãos, amapaenses ou não, interessados em fortalecer os objetivos da Academia, e dirigidas tanto aos membros da Academia como ao público em geral.

É bem verdade que a construção verbal “discursos à ...” lembra a célebre coletânea de Johann Gottlieb Fichte, “Discursos à nação alemã” (1807-1808) em que o filósofo idealista alemão busca resgatar identidade cultural do povo alemão, mas que, em função dos eventos que favoreceram o avanço do autoritarismo (inclusive cultural) e da violência (principalmente política) na primeira metade do século vinte, com a ascensão dos regimes totalitários na Europa, na Ásia e até na América Latina, essa expressão acabou sendo associada, em uma relação meio que forçada, com a construção de imaginários sociais totalitaristas, nos quais os regimes de força apareciam como o futuro do mundo e as democracias como a decadência.

Embora Fichte não tenha responsabilidade pelo que lhe foi imputado posteriormente, com sua coletânea de discursos associada aos processos de fortalecimento do regime totalitarista na Alemanha, o episódio é bastante interessante na medida que nos mostra a força e o papel desse tipo de produção literária na formação da identidade de uma instituição, porquanto expressa e sedimenta o imaginário que lhe pertence”.

Mas não é apenas por isso que (acredito) a preferência se deu pelo título mais simples e, no meu ver, mais adequado.

É que discurso é um termo utilizado para designar toda situação que envolve a comunicação dentro de um determinado contexto e diz respeito a quem fala, para quem se fala e sobre o que se fala. Mas não é só isso, como o discurso é o ato verbal e oral de se dirigir a um público com um objetivo, que é, obviamente, expor a sua própria perspectiva sobre algo de forma organizada e lógica, mas também, e não tão obviamente assim, persuadir o auditório (o conjunto das pessoas alcançadas pelo discurso), que envolve, no mínimo, um emissor, uma mensagem (ou texto), um conjunto de receptores (ouvintes ou leitores), um contexto social, político ou cultural, e, quem sabe, um considerável volume de ruído de variadas ordens.

O fato é que o discurso envolve vários mundos que foram construídos ao longo da história cultural da humanidade estabelecida e aceita como verdadeira, e particularmente na forma específica da história de cada vivente, construída ao longo de sua vida, na interação entre o eu e os outros. A história de vida que, como demonstra magistralmente o filme “Efeito Borboleta” (Bress e Gruber, 2004), é um dos componentes fundamentais da formação da personalidade de alguém.

Quando a questão é o discurso e seu papel na História, gosto de lembrar Paul Veyne (1971) que, em “Como se escreve a História”, nos mostra como a História é anedótica, e usa dessa ironia com o objetivo de demonstrar a enorme complexidade que é produzir um saber científico sobre a história da humanidade, principalmente se a perspectiva epistemológica é a concepção positivista, que se propõe a produzir a verdade histórica ou documental pela busca da verdade objetiva do passado, permitindo que as fontes históricas “falem por si mesmas”, sem interpretação adicional. Se observarmos como a História oficial, que se propõe a ser científica, descreve ou explica um mesmo fato em cada época, e como a visão geral sobre um mesmo povo ou

um mesmo evento histórico varia conforme muda a perspectiva, o momento histórico, e até mesmo a nacionalidade do historiador, começamos a duvidar dessa possibilidade. Basta abrir um dos aplicativos de informação, hoje tão comuns nas redes sociais, e verificar como as visões sobre um mesmo evento variam. Até mesmo um fenômeno climático que nós todos estamos vendo ao vivo e a cores no noticiário televisivo recebe diferentes versões conforme a perspectiva de quem exibe e comenta.

Para Gaston Bachelard a história da humanidade e até mesmo a história de cada um de nós é como um conto da carochinha (Lopes, 1966). Quando resgatamos um pouco da nossa história de vida perante um auditório, organizamos a linha de nossa história só pelos pontos positivos e somente pelos eventos que favorecem a nossa própria visão de vida e de mundo, e é até bom que seja assim, pelo bem de nossa própria sanidade mental.

Elementar, mas... e daí?

Daí que, se todo discurso revela um posicionamento ante o contexto social, político ou cultural em que é proferido, revela também uma expectativa do autor do discurso no sentido de que o cuidado com a coerência lógica que pautou sua elaboração garanta automaticamente a adequada compreensão da mensagem. Ou seja, é o mundo do autor do discurso querendo determinar que a mensagem emitida conforme seu próprio mundo se encaixe automaticamente no mundo do ouvinte/leitor.

O pensamento de Chaim Perelman (filósofo polonês criador da teoria moderna da argumentação) sobre novas lógicas distintas da lógica formal (que, para ele, de certa forma serve ao autoritarismo científico), é um fundamento precioso para nos esclarecer sobre a importância de se valorizar a lógica do sopesar os argumentos, de levar em consideração a lógica do auditório e, enfim, superar esse viés autoritarista de pensar que a logicidade formal é suficiente para convencer a todos e para compreender tudo em todos os campos da atividade humana (Pessanha, 1989).

A ideia de que existe um marcador absoluto entre a cientificidade e a não cientificidade, e que cada ciência tem seu objeto, e que não deve se envolver com os objetos de estudo das outras ciências, talvez seja apenas um obstáculo epistemológico a mais na compreensão da relação entre a Filosofia e as ciências, na medida que exclui o papel social do imaginário na criação e formatação do saber.

Michel Foucault é para mim o epistemólogo mais sensato porque nos mostra o campo do saber constituído de três eixos (linhas de racionalidade): o das ciências matemáticas e psicomatemáticas (protótipos de cientificidade); o eixo das Ciências da Vida, da Produção e da Linguagem (Biologia, Economia, e Ciências da Linguagem); e o eixo da Reflexão Filosófica. Esses eixos, tal qual os eixos cartesianos, constituiriam planos que definiriam encontros e, conseqüentemente, um triedro de espaços de produção do saber. No interior desse triedro se localizariam as Ciências Humanas como uma conexão entre as ciências que compõem os eixos e os planos, organizadas em regiões do saber (Japiassu, 1975 e Foucault, 1998). Foucault é um dos epistemólogos que não estabelece uma linha divisória absoluta entre os saberes. Muito ao contrário, junta-se a outros pensadores que valorizam a interdisciplinaridade, como Edgard Morin e sua Teoria da Complexidade.

Enfim, tanto na Epistemologia como na História, o imaginário apresenta um papel fundamental. Afinal, os homens não fazem a guerra por terra, água, petróleo ou quaisquer das coisas materiais que, não resta a menor dúvida, são essenciais para a sua existência. Não. Sobre isso é relativamente viável chegar a um acordo. Os homens fazem a guerra por conta dos significados imaginários que eles desenvolvem sobre essas coisas. Ou seja, é o imaginário que conduz suas vidas.

Cornélius Castoriadis, filósofo, economista e psicanalista grego, defende o caráter criativo do imaginário social e a criação social como necessariamente anônima (Castoriadis; Ricoeur, 2005).

Segundo esse pensador, é assim que as sociedades criam a si mesmas e evoluem ao longo do tempo, e essa é a ideia central de sua principal obra, intitulada “A instituição imaginária da sociedade”, na qual apresenta a premissa fundamental de sua teoria, de que o ser é criação, se não fosse assim, seria sempre o mesmo eternamente. Para Castoriadis, o imaginário social é a categoria de pensamento mais importante na reflexão filosófica porque o imaginário é o principal responsável na construção e na gestão das instituições, principalmente aquelas que surgem e se estabelecem sob o manto da democracia (Castoriadis,1982; Maneli, 2004).

Nesse sentido podemos observar a evolução dos discursos da Academia Amapaense de Letras. Tomando como exemplo, como não poderia deixar de ser, o Discurso Inaugural da AAL, feito por Janary Gentil Nunes, que transborda da chamada “Mística do Amapá”, e que dá o tom do discurso logo no início de sua fala:

O Amapá é uma ideia em marcha para o porvir, é um sonho que se realiza a cada instante. Debruçado entre o Oiapoque e o Jari, no maciço guiano, cuja idade é a da formação da terra, contempla na direção do nascente a imensidão do oceano e ao sul do gigantesco Amazonas, que liga os Andes ao mar vislumbrando seu destino universal (Nunes, 2023, pag. 12)

Evidentemente, essa figura do imaginário que Janary Nunes trabalhará cuidadosamente ao longo dos anos em que o político determinou os destinos desta terra, e terminará por se sedimentar firmemente na visão de mundo dos amapaenses da época, continuando a aparecer como pano de fundo ao longo de todo o discurso. Entretanto, poucas linhas depois de registrar essa imagem basal de seu plano político, Janary Nunes explicita claramente o que espera que seja a Academia Amapaense de Letras e qual seu papel perante a sociedade amapaense que começa a configurar sua identidade:

Desejamos que a Academia Amapaense de Letras, constituída de homens de cultura, acompanhe, participe e oriente a caminhada que o vosso povo vai trilhar. (...) Mas tantas já foram as graças de Deus derramadas sobre esta terra, que as nossas esperanças se animam e dão-nos a certeza de que a Academia Amapaense de Letras formará um ambiente propício aos altos Remígios do Espírito. O Amapá é um convite irresistível aos que possuem sensibilidade e aptidão para traduzir em palavras o que sentem (*Op. cit.*, pag. 12-13).

Quase duas décadas depois, com as novas gerações daqueles que “possuem sensibilidade e aptidão para traduzir em palavras o que sentem”, parece sentir outras impressões. É o que se vê nas palavras de Ray Cunha, sobre o parto de uma obra fundamental para a história da literatura amapaense, “Xarda Misturada”, com prefácio de outro rebelde, Isnard Lima, onde ele, sobre os jovens autores, Joy Edson, Ray Cunha e José Montoril, afirma o seguinte:

Minhas mãos tocaram pérolas e lentejoulas, testaram rubis e palparam diamantes, e meu olhar cigano acendeu de alegria: eu não estava com certeza diante de embromadores, como conheço muitos por aí, nesses roteiros amargos que Deus, soberano poeta, às vezes oferta aos palhaços mais ricos do Mundo – os artistas! Fumei meu cigarro e olhei para o Alto e numa prece feliz agradei ao Mestre. (...) Nem sempre se encontra o milagre da Poesia, ainda verde, procurando a Porta Secreta do Triunfo. Surgiu no olhar deles o brilho esperado; prometi a mim mesmo não deixá-los sozinhos (Lima, 1971).

Não à toa, Fernando Canto, um dos jovens escritores rebeldes dos anos sessenta/setenta, em seu discurso em 2023 (Canto, 2023a) resgata as a importância do discurso de Janary Nunes, destacando o papel basal dos fundadores da Academia

Amapaense de Letras como autores da base do discurso fundador do Território Federal do Amapá. Mas é bem preciso quando, adiante, esclarece seu pensamento sobre o tema, demonstrando que está bem ciente do papel instituinte do imaginário na formação de uma Academia de Letras e seu eco sobre a sociedade:

O que eram manifestações literárias no passado hoje é literatura propriamente dita, pois foram fundamentais para a construção do ideário e da ideologia amapaense, bem antes da Mística do Amapá, e graças ao pensamento dessa plêiade de poetas e literatos.

Cada literatura é peculiar e tem problemas específicos pois, como diria Antônio Cândido, a literatura se manifesta historicamente e assim se torna aspecto orgânico da civilização. Deste modo, posso afirmar, junto com Cândido, que a produção literária, o leitor-receptor e a linguagem em seus diversos estilos não sobreviverão na relação da comunicação inter-humana enquanto sistema simbólico, pois são um conjunto de códigos e um poder de construção da realidade. Nele moram os desejos mais profundos dos indivíduos, transformados em elementos de contato entre as pessoas e de suas interpretações nas diversas esferas de realidade que se apresentam (*Op. cit.*, pag. 33.).

Mas Fernando Canto é muito mais preciso ainda em outro de seus discursos, intitulado “A literatura amazônica hoje”, proferido no II Festival Literário de Macapá (Flimac), em 18/10/2023, em que aborda diretamente o papel do escritor em sua terra, em seu ofício de aplicar a sua imaginação para criar utopias (a palavra aqui deve ser entendida como construção do não-existente pela negação do existente e, portanto, distinta da ideologia). Canto (2023b) enfatiza o papel da criação literária e, conseqüentemente, de uma Academia de Letras na produção de uma sociedade melhor:

O Brasil já passou por muitos fatos históricos nocivos, por isso o escritor tem que analisá-los à luz da imaginação. O ofício de escritor é fazer a sua ficção, não importa a certeza histórica; ele tem que polemizar os fatos e criar. Tem que criticar os mitos e as esferas da realidade, pois todo momento é útil para a criação literária. Além disso, a literatura tem que varar a tensão da crise que permanece, e torná-la oportunidade para a criação (*Op. cit.*, pag. 51).

Não é outro o caso de nossa Academia, que deve ser um espaço por excelência de democracia e de comunicação, de registro histórico e de proposição de mudanças. Enfim, é uma instituição, no sentido mais profundo da palavra. E se é assim, toda fala, toda palavra, todo discurso, todo debate promovido e incentivado pela Academia Amapaense de Letras, merece ser discutido, debatido, e esclarecido à exaustão. Mas, mais que isso, os discursos, quaisquer que sejam os julgamentos feitos sobre eles, merecem ser guardados para a posteridade.

Com isso podemos então afirmar que todos esses discursos pertencem à Academia, fazem parte da sua história, são instituintes (no sentido que Castoriadis dá a esse termo) da Academia. Por isso são dignos de registro, especialmente na forma que mais valorizada e preservada pela Academia, que é o livro.

REFERÊNCIAS:

BRESS, E.; GRUBER, J. M. **Efeito Borboleta**. EUA: Film Engine, 2004. Filme.

CANTO, F. Abertura dos eventos dos 70 anos da Academia Amapaense de Letras. *In*: PORTO, J. **Discursos da Academia Amapaense de Letra**. Maringá: Uniedusul, 2023a. Vol. 1. pp. 31-35.

CANTO, F. A literatura amazônica hoje. *In*: PORTO, J. **Discursos da Academia Amapaense de Letra**. Maringá: Uniedusul, 2023b. Vol. 1., pp. 46-55.

CASTORIADIS, C. A. **Instituição Imaginária da Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CASTORIADIS, C.; RICOEUR, P. **Diálogos sobre a história e o imaginário social**. Lisboa: Edições 70, 2005.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 13ª. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

JAPIASSU, H. F. **Introdução ao Pensamento Epistemológico**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

LIMA, I. Prefácio de XARDA MISTURADA - Poemas, Macapá, 1971. *In*: CUNHA, R. **Memórias: 50 anos de Xarda Misturada, que deu início à minha fase *on the road***. <https://www.raycunha.com.br/2022/07/memorias-50-anos-de-xarda-misturada-que.html>. Acesso em 18/05/2024.

LOPES, A. R. C. Bachelard: o filósofo da desilusão. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, 13(3), 248–273. 1996. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/view/7049>.

MANELI, M. **A Nova Retórica de Perelman** - Filosofia e Metodologia para o Século XXI. Barueri: Editora Manole, 2004.

NUNES, J. G. Inauguração da Academia Amapaense de Letras. *In*: PORTO, J. **Discursos da Academia Amapaense de Letra**. Maringá: Uniedusul, 2023, p. 24-26.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PESSANHA, J. A. M. **A Teoria da Argumentação ou Nova Retórica**. Texto mimeografado distribuído pelo autor. Rio de Janeiro: IESAE/FGV, 1989.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. São Paulo: Martins Fontes, 1971.

PRODUÇÃO DA ACADEMIA AMAPAENSE DE LETRAS



Ponte sobre o rio Oiapoque, Oiapoque (AP).
Foto: Jadson Porto.

PRODUÇÃO DA ACADEMIA AMAPAENSE DE LETRAS (2024)

Jadson Porto

Cadeira 17; Patrono Joaquim Caetano da Silva

Este é um levantamento da produção literária em livros escritos pelos confrades e congreiras da Academia amapaense de Letras. Esta relação é composta por livros poéticos, de contos, romances, fantasias e acadêmicos elaborados pelos integrantes deste silogeu publicados entre outubro de 2023 a junho de 2024, em continuidade ao levantamento publicado no volume 1 da Série Discursos da Academia Amapaense de Letras (2023), corroborando para a sua identidade como uma das mais representativas da produção do conhecimento e cultural institucional amapaense. Com a relação bibliográfica aqui presente, 320 obras foram identificadas dos integrantes da AAL em suas primeiras edições.

Os livros em coorganização foram inseridos no rol do confrade ou congreira que se apresentam como primeiro organizador na ficha catalográfica.

Não foram inseridos aqui os diversos capítulos de livros; as poesias, contos e romances publicados em coletânea, em periódicos científicos ou em sites. Se assim fizesse, este rol seria elevado à enésima potência desta produção intelectual e cultural desta Academia de Letras, a terceira mais antiga da Amazônia.

**IVAN CARLO ANDRADE DE OLIVEIRA (GIAN
DANTON)**

AUTORAL

- História dos quadrinhos (2024).

COORGANIZADOR

- Interfaces midiáticas e quadrinhos (2024).

JADSON LUÍS REBELO PORTO (JADSON PORTO)

AUTORAIS

- Amapá: As transformações econômicas e institucionais continuam (2000-2024) (2024).
- Entre vales e versos (2024).

COAUTOR

- Entre Portos (2024)

JOÃO DO NASCIMENTO BARBOSA

AUTORAIS

- Aprendendo com versos (2021).
- Gritos no olhar (2007).
- Atalho em Retalho (2013).
- O Pescador de Sonhos (2020).

JOÃO WILSON SAVINO CARVALHO (WILSON CARVALHO)

AUTORAIS

- O acaso no tempo da ditadura (2021, 2ª edição em 2024).

RESENHAS



Cachoeira de Santo Antônio, Rio Jari, Laranjal do Jari (AP).
Foto Jadson Porto.

PAISAGEM ANTIGA, DE ALCINÉA CAVALCANTE

Cléo Frias de Araújo

Cadeira nº 28: Patrono: Pe. Júlio Maria Lombaerd;

Sócio fundador: Pe. Jorge Basile.

A obra aqui resenha é de autoria da escritora amapaense Alcinéa Maria Cavalcante Costa; publicado em 2012 em sua 1ª edição, pela Editora Scortecci, e em sua 2ª edição em 2016, intitulado *Paisagem Antiga*. É um livro que expõe literatura regional nortista brasileira (Poemas e crônicas). A obra é ambientada em Macapá, capital do então Território Federal do Amapá, ao norte do Brasil, traz ao público carradas de beleza literária. O livro é um filme de doces lembranças, facilmente visto por quem folheia as 100 páginas de arte ali contida.

Alcinéa Maria Cavalcante Costa é professora e integrante da Academia Amapaense de Letras, ocupante da cadeira nº25, cujo patrono é Joaquim de Mendonça Júnior; o seu primeiro ocupante fora o seu pai, Alcy Araújo Cavalcante.

Os textos que seguem em todo livro, em uma leitura aprazível, conduzem o leitor em rios poéticos iniciando por um convite a quem gosta de arte, através do poema "Vem comigo", que detalha alguns caminhos para a felicidade. Seguido de uma exibição de um jeito inteligente e poético de se namorar expostos em bem traçadas linhas de "Bilhete".

O poema, que dá título à obra, é de rara beleza. O texto relata aquilo que vivemos na infância e queremos de volta às nossas vidas: a felicidade de se viver numa simplicidade bela e intocável de uma Macapá anos da década de 1960, onde todos se conheciam e os quintais não tinham muros; onde os costumes simples (bordar, rezar) eram o perfume e o entretenimento de nossas mães e avós.

A partir de temas que abordam cenas familiares, fraternais e cotidianas da Macapá antiga. Ao livro é um delicioso convite não somente para se resgatar as memórias do leitor que viveu Macapá de outrora; mas também para que os legentes que não

vivenciaram aquela Macapá possam vivenciar e percebê-la em sua história, natureza, musicalidade, liberdade, dentre outras maneiras de se perceber a capital amapaense.

A autora resgata sua construção de escritora como jornalista, muitas e seguidas vezes, furtando-se ao convívio familiar, pela responsabilidade de realizar seu mister, com eficiência; usando a sua *Caneta dourada*, que delineia o zelo com os instrumentos de seu labor; Relembra de uma atividade cada vez menos usada pela geração atual, o escrever de *Cartas*, seja a um namorado ou a amigos ou parentes distantes.

E as memórias? São várias lembradas pela autora. É a musicalidade da família; é de um domingo Macapá de outrora (Quando a gente saía despreocupado, a passear pela cidade, enquanto, após o almoço, se embalar numa rede, fazendo jus à sesta; e à noite, sentar na calçada para brincar, até o cansaço nós levar ao merecido sono). É dedicação à pessoa amada; a saudade do pai. É o lembrar das suas referências literárias.

A natureza é um elemento contínuo na sua obra. Pois o tempo todo Macapá a vivencia, seja pela sua beira-rio, muito frequentado pelos seus moradores nos finais de semana, seja para aproveitar a sua paisagem e brisas, para visualizar a chuva chegando, para os encontros dos namorados, realizar piqueniques, seja para perceber o nascer da Lua Cheia.

O que falar sobre *O gafanhoto*, uma bem contada anedota, onde as pessoas confundiram um helicóptero com um gafanhoto gigante? É um dos diversos causos que ocorrem no cotidiano de Macapá.

No seu aspecto mais místico e religioso, a autora não deixou passar batido. Seja onde revela o lado iluminado do Johrei, da Igreja Messiânica, onde congrega e ajuda diversas pessoas na busca pela saúde e bem-estar; seja ao resgatar um *Domingo de Círio*, uma cena das paragens amazônicas, principalmente do Pará e Amapá, quando o povo católico faz procissão e festa em homenagem à Nossa Senhora de Nazaré.

E um domingo de Círio, pra ser completo, tem que ter maniçoba e pato no tucupi. Bom apetite!

Homenageia, também alguns moradores ilustres, ao resgatar as suas histórias àqueles que não tiveram oportunidade de conhecê-los, tais como: José Maria Chaves, morador da ilha da igreja de São José, padroeiro de Macapá, um homem simples, mas competente em tudo o que se propôs a fazer; e o seu vizinho Janjão, morador do bairro da Favela, em Macapá, sempre bem-humorado que, dentre outras atividades é um excelente contador de causos e um maravilhoso pescador. Vida loooooonga ao Janjão!

Os escritos da obra aqui exposta, se comportam como um conjunto de paisagens que fazem as pessoas mais felizes, tanto para quem viveu o cenário ali descrito, quanto para gerações posteriores. Logo na dedicatória, nota-se o alicerce familiar de que ela dispõe, retribuindo com gostos de puro amor, a quem faz parte de sua família.

É uma literatura absolutamente indicada para se ter nas bibliotecas das escolas e daqueles interessados e curiosos sobre a literatura elaborada no Amapá e por amapaenses.

MAMA GUGA, DE FERNANDO CANTO

Ivan Carlo A. de Oliveira
Cadeira 11; Patrono: Gabriel de Almeida Café

Mama Guga é um livro de contos de autoria de Fernando Canto lançada em 2017 pela editora Paka-Tatu, sediada em Belém do Pará. A obra tem 104 páginas e até o momento tem apenas uma edição. São 26 capítulos que correspondem a 26 contos. Trata-se de um livro de contos curtos. Os contos mais curtos têm duas páginas e o mais longo oito páginas. É um livro de fantasia amazônica.

Fernando Canto nasceu em Óbidos, no interior do Pará, em 29 de maio de 1954. Graduou-se em Ciências Sociais em 1980 pela Universidade Federal do Pará. Pós-graduou-se em 1983, em Metodologia de Projetos Urbanos e Municipais, pela Escola Nacional de Serviços Urbanos, no Rio de Janeiro. Outras especializações cursadas foram Teoria Antropológica, na UFPA em 1988 e em Desenvolvimento Sustentável e Gestão Ambiental, pelo NAEA/GEA, em Macapá, em 1999. Tornou-se mestre em Desenvolvimento Regional pela Universidade Federal do Amapá e Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará.

Fernando Canto publicou mais de uma dezena de livros nos mais diversos gêneros literários, incluindo a poesia, a crônica e o conto. Seu conto O Bálsamo foi premiado em primeiro lugar no Concurso de Contos da Região Norte realizado pela UFPA em 1992. Este mesmo conto foi publicado diversas vezes, incluindo em francês. Entre os seus livros estão: *Adoradores do Sol*, *O Balsamo*, *Fedeu Morreu*, *Equinócio*, *A Água Benta do Diabo*, *O Centauro e as Amazonas*, *O Marabaixo*, *Os Tempos Insanos*, *Canção do Amor – Enchente*, *Literatura das Pedras*. Também participou e de diversas antologias de contos, incluindo *Contos paraenses*, *Novos contos paraenses* (Cejup) e Coletânea de poetas, contistas e cronistas do meio do mundo (Projeto Samaúma da Literatura).

Fernando Canto é atualmente presidente da Academia Amapaense de Letras.

O livro *Mama Guga* traz contos intimistas e emocionantes, como O retrato azul, narrado como um filho falando ao pai: “Agora estou aqui, engolindo este silêncio, sem saber o que dizer para você (...) Agora estamos nós dois sem saber o que fazer... Você aí sentando nesta rede com os olhos brilhosos de lágrimas, olhando fixo o quadro que lhe demos de presente de aniversário”. Além de criativa, a abordagem permite um aprofundamento no personagem que talvez não fosse possível de outra maneira.

Há contos que oscilam entre o causo urbano, o humor e o drama, como em “A seringa contaminada de Bambo, o zagueiro do futlama”, no qual um homem com HIV ameaça picar pessoas com uma seringa.

Mas os melhores contos são aqueles em que Fernando Canto se utiliza da mitologia local, entremeando-a muitas vezes de fatos históricos e narrativas cotidianas. Exemplo disso é “As mulheres-peixe do meu garimpo”, sobre um garimpeiro que se enamora de sereias encontradas em uma gruta. Mas são sereias amazônicas, com cor local e sexualidade afluada: “Tinham a cor dourada e eram largas. Suas barbatanas eram vermelhas, umas gracinhas. Nem de longe pareciam com as sereias que eu tinha visto em revistas. Brincavam com as águas e sorriram quando me viram. Me chamaram pra bem perto delas, e aí pude conhecer o verdadeiro sabor do prazer sexual”.

Desses, o melhor é “A cidade encantada sob a pedra”.

A história se passa em uma cidade fictícia (meio que uma mistura de Macapá e Mazagão), mas mágica, em que seres encantados saem do fundo do rio para defender os negros entre eles o pretinho Chibante, que distribui para a criança bombons trazidos em seu chapéu de casco de tartaruga.

Na história, dois irmãos descem à cidade encantada em busca de um suposto tesouro. O interessante do conto é a forma como o autor mescla fatos históricos, personagens mitológicos e ladrões de marabaixo para construir sua narrativa.

Para quem não é da região, os ladrões são músicas cantadas nas rodas de marabaixo, geralmente sobre fatos ocorridos na comunidade.

Há duas versões sobre o nome. Na primeira delas, os versos são chamados ladrões porque um “rouba” a música do outro, continuando o verso. Na outra, porque a letra “rouba” fatos das vidas pessoais das pessoas, tornando-as públicas através da música. Fernando Canto adota essa última explicação e constrói todo o conto a partir de ladrões, entremeando-os à narrativa em prosa. A narrativa é fluída, quase como um caso narrado a um visitante e fantasia, história e ladrões vão se misturando naturalmente.

SOBRE OS AUTORES

Ana Girlene Dias de Oliveira: Representante governamental no evento dos 70 anos da Academia Amapaense de Letras. Jornalista; apresentou por 17 anos o programa de rádio *Café com Notícia*; Servidora pública; atuou na última década na comunicação institucional do Ministério Público do Amapá e; Diretora da Rádio Difusora de Macapá.

Cléo Frias de Araújo (1955): Advogado; professor; músico; compositor; artista plástico e; escritor. É autor de 4 livros, dentre eles: *Dicionário de Amapês* (2002); e *A saga Trevizani* (20115). Cadeira nº 28; Patrono: Pe. Júlio Maria Lombaerd; Sócio fundador: Pe. Jorge Basile.

Fernando Pimentel Canto (1954): Cientista Social; Mestre em Desenvolvimento Regional; Doutor em Sociologia. Presidente da Academia Amapaense de Letras, cadeira 4, Patrono Coaracy Gentil Nunes.

Gisele dos Santos da Silva (1990). Licenciada em Letras; Mestra e Doutora em Letras e Pedagogia; Pós-doutora em Letras; Sócia-efetiva da Academia de Letras José de Alencar (Curitiba, PR). Autora do livro *Representações culturais e o livro didático de língua inglesa: por uma aprendizagem ressignificativa* (2023).

Girlene Castro: Psicopedagoga; Coordenadora do Colégio Expansivo.

Ivan Carlo A. de Oliveira (1971): Jornalista; Doutor em Artes e Cultura Visuais; Professor da Universidade Federal do Amapá. É autor de 28 livros e 04 coautorais, dentre eles: *O roteiro nas histórias em quadrinhos* (2010, 2ª edição, 2022) e; *Jornalismo em quadrinhos – intersecções* (2023). Cadeira 11; Patrono: Gabriel de Almeida Café.

Jadson Luís Rebelo Porto (1967): Geógrafo; Mestre em Geografia; Doutor em Ciência Econômica; Pós-Doutor (Desenvolvimento Regional; em Geografia; em Estudos Sociais);

Professor Titular da Universidade Federal do Amapá; Professor do Mestrado em Desenvolvimento da Amazônia Sustentável da UNIFAP; Pesquisador Destaque - 2021 (SETEC/Amapá). Efetivo da Academia Amapaense de Letras (Macapá, AP), cadeira 17, Patrono Joaquim Caetano da Silva (2022); Efetivo da Academia de Letras José de Alencar (Curitiba, PR), cadeira 3, Patrono Alberto Oliveira (2022). Autor de 40 livros acadêmicos, 11 de poesias e 02 de estórias. Site: www.jadsonporto.blogspot.com.br.

Leão Zagury: Médico endocrinologista e escritor; Fundador e ex-presidente da Sociedade Brasileira de Diabetes; Ex-presidente da Academia de Medicina do Rio de Janeiro; Professor de Endocrinologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Comendador pela Academia Brasileira de Honrarias ao mérito; Membro Honorário da Academia Brasileira de Médicos Escritores. Palestrante das festividades dos 70 anos da Academia Amapaense de Letras.

Tiago de Oliveira Quingosta de Sousa (1987): Bacharel em Direito; Advogado; Servidor Público; Especialista em Direito Processual Civil; Especialista em Segurança Pública. Membro da Academia Amapaense de Letras, cadeira 6, Patrono Desidério Antônio Coelho. Autor do livro *Aluvional* (2022)

Yurgel Pantoja Caldas: Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais; Coordenador do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Amapá.

Esta obra é o segundo registro dos discursos elaborados por confrades convidados para os 70 anos da Academia Amapaense de Letras quando Macapá completa suas oito décadas de existência como Capital amapaense e este Silogeu sequencia os festejos de suas sete.

Jadson Porto

A polifonia discursiva da AAL nos revela, em diferentes textos e contextos, a tessitura de narrativas que engendram o ideário social local, destacando a riqueza e a diversidade da cultura literária contemporânea. Sendo assim, os discursos que compõem esta obra são um convite para reviver, reverenciar e comemorar a história da AAL e do Amapá.

Gisele dos Santos da Silva.



Posse dos acadêmicos em 27/10/2022

